

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

**FRANÇOISE DANIELLI**

**EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE DE GÊNERO?: UMA ANÁLISE SOBRE A  
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO INSTITUTO GUGA KUERTEN**

**FLORIANÓPOLIS**

**2016**

**FRANÇOISE DANIELLI**

**EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE DE GÊNERO?: UMA ANÁLISE SOBRE A  
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO INSTITUTO GUGA KUERTEN**

Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de  
Especialização EaD Gênero e Diversidade da  
Universidade Federal de Santa Catarina para  
obtenção do Grau de Especialista. Orientadora:  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Leticia Cardoso Barreto

**FLORIANÓPOLIS**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Danielli, Françoise  
EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE DE GÊNERO? : UMA ANÁLISE  
SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO INSTITUTO GUGA KUERTEN /  
Françoise Danielli ; orientadora, Letícia Cardoso Barreto  
Florianópolis, SC, 2016.  
50 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de  
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.  
Curso de Gênero e Diversidade da Escola .

Inclui referências

1. Ciências Sociais. 3. Diversidade de Gênero . 4.  
Educação pelo Esporte. 5. Instituto Gugá Kuerten. I.  
Barreto, Letícia Cardoso . II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Gênero e Diversidade da Escola . III.  
Título.

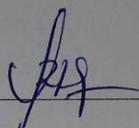
FRANÇOISE DANIELLI

EDUCAÇÃO PARA DIVERSIDADE DE GÊNERO ? : UMA ANÁLISE SOBRE A  
PRÁTICA PEDAGÓGICA NO INSTITUTO GUGA KUERTEN

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Especialista em  
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

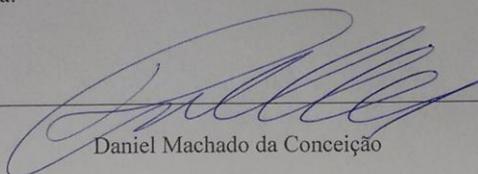
Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

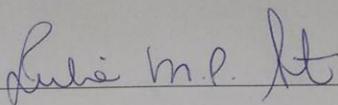


Olga Regina Zigelli Garcia

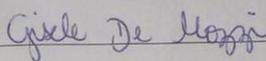
Banca Examinadora:



Daniel Machado da Conceição



Julia Mara Pegoraro Silvestrin



Gisele De Mozzi

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha orientadora Professora Doutora Leticia Barreto pelo apoio nesta caminhada, compreensão e atenção durante o processo de construção do trabalho.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

E por fim, o Instituto Guga Kuerten por possibilitar o estudo sobre sua metodologia e prática, e estar aberto aos estudos e reflexões em prol de desenvolver o melhor para as educandas<sup>1</sup> atendidas pelo Programa Campeões da Vida, e para as educadoras envolvidas.

---

<sup>1</sup> O termo educandas, é utilizado aqui como ato político, além de evidenciar que no Instituto Guga Kuerten as educadoras são na sua maioria de mulheres, e entre as crianças que participam do Programa Campeões da Vida também são meninas.

## RESUMO

Historicamente sabemos que as relações de gênero se construíram a partir da desigualdade entre os homens e as mulheres. O poder político, o acesso ao trabalho e ao ensino, o poder de escolha e de decisão sobre sua vida afetivo-sexual, resultaram em segregação, opressão e dominação para as mulheres. O último século de avanço de direito das mulheres contribuiu com que a reflexão e o debate alcançassem a sociedade e tomasse as ruas e os espaços públicos, através da luta das mulheres pelos direitos a igualdade. Os espaços educacionais reprodutores de ideologias, que atendem aos interesses da sociedade (ou deveriam atender) diante da realidade da luta das mulheres e de outras minorias como os GLBT, os negros, indígenas, quilombolas e outros grupos, são diretamente responsáveis em promover uma educação intencional que conduza a uma educação para a diversidade. Os vários âmbitos da educação, seja informal, não formal e formal, devem garantir uma educação para a diversidade, seja através de seus currículos, metodologias ou práticas cotidianas, conduzindo para uma cultura ao respeito e a paz. Partindo deste contexto o presente estudo teve como objetivo verificar em que medida a proposta de educação para a diversidade de gênero é incorporada na prática do Instituto Guga Kuerten. O caminho metodológico utilizado para o estudo foi uma pesquisa caracterizada pela proposta descritiva, por estando dentro de análises quantitativas e qualitativas, que garantiu o levantamento de dados, além de exploratória pois investigou a metodologia do IGK. Participaram do estudo 6 educadoras que foram sorteadas e aceitaram participar da pesquisa através da resposta de um questionário pré-estabelecido com questões objetivas e dissertativas. Os resultados evidenciaram que a proposta do IGK atende em partes uma proposta de uma educação para a diversidade de gênero. Nesse sentido entendemos a necessidade da formação inicial e continuada dentro desse espaço de educação não formal.

**Palavras-chave:** Gênero. Diversidade. Prática Pedagógica. Instituto Guga Kuerten.

## ABSTRACT

Historically we know that gender relations were built on inequality between men and women. Political power, access to work and education, power of choice and decision on their affective-sexual life, resulted in segregation, oppression and domination for women. The last century of advancement of women's rights has contributed to reflection and debate reaching out to society and taking the streets and public spaces through the struggle of women for equality rights. The educational spaces that reproduce ideologies, which serve the interests of society (or should attend) to the reality of the struggle of women and other minorities such as GLBT, blacks, indigenous, quilombolas and other groups, are directly responsible for promoting an education that leads to an education for diversity. The various spheres of education, whether informal, non-formal or formal, should ensure education for diversity, whether through its curricula, methodologies or daily practices, leading to a culture of respect and peace. From this context, the present study aimed to verify the extent to which the proposal of education for gender diversity is incorporated into the practice of the Guga Kuerten Institute. The methodological path used for the study was a research characterized by the descriptive proposal, being within quantitative and qualitative analyzes, which guaranteed the data collection, besides exploratory, as it investigated the IGK methodology. Participating in the study were 6 educators who were drawn and accepted to participate in the research through the answer of a pre-established questionnaire with objective and dissertative questions. The results showed that the proposal of the IGK meets in parts a proposal of an education for the diversity of gender. In this sense we understand the need for initial and continued training within this space of non-formal education.

Keywords: Gender. Diversity. Pedagogical Practice. Guga Kuerten Institute.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>2 INSTITUTO GUGA KUERTEN.....</b>	<b>11</b>
2.1 OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO.....	13
<b>3 REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>15</b>
3.1 GÊNERO E DIVERSIDADE EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS.....	18
3.2 GÊNERO E DIVERSIDADE NO ESPORTE.....	20
<b>4 CAMINHOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	23
4.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	23
4.3 COLETA DOS DADOS.....	24
<b>5 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>25</b>
5.1 RESULTADOS GRÁFICO SÓCIO DEMOGRÁFICOS.....	25
5.2 CONTEÚDO E DEVOLUTIVA DOS QUESTIONÁRIOS.....	27
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>

ANEXOS

## 1. INTRODUÇÃO

A diversidade é a riqueza de nossas relações e nosso aprendizado, mas vive a sombra da intolerância, do ódio e da violência. A pergunta que sempre está presente entre os pares que idealizam o respeito a diversidade, é como garantir o direito a diversidade? A educação e suas possibilidades libertadoras de aprender, conhecer, desenvolver, ampliar, reconhecer, transformar, ressignificar, compartilhar e promover, parecem oferecer uma possibilidade.

Os espaços educacionais são espaços carregados de ideologia e intencionalidade que reproduzem interesses de grupos historicamente dominantes, como os homens, brancos, heterossexuais e cristãos, que de maneira geral desconsideram e desvalorizam seus diferentes (LOURO, 2004). E ao mesmo tempo são ponto de encontro da diversidade de crenças, valores, culturas, de raças e etnias, sexuais, religiosa. Apesar da diversidade de pessoas que o ocupam, infelizmente é comum acontecer a reprodução da intolerância, discriminação, preconceito e da violência, que se tornam comuns do cotidiano.

Considerando essa realidade, problematizar as questões de diversidade de gênero é de fundamental importância nos espaços educacionais sejam eles formais ou não formais<sup>2</sup>, pois desta forma podemos refletir e repensar demandas, rever concepções e paradigmas e também exigir dos espaços educacionais, pensar estratégias de inclusão, de maneira a respeitar e valorizar a diversidade cultural dos educandos.

A motivação para este estudo surgiu durante o curso de especialização de Gênero e diversidade na escola (GDE), que proporcionou-me refletir sobre minha prática pedagógica, como supervisora pedagógica e os documentos norteadores da instituição da qual faço parte, fazendo-me indagar sobre suas contribuições para as temáticas sobre diversidade, gênero, sexualidade e seus impactos nos educandos.

Assim, almejando estudar como se constrói a diversidade de gênero em um espaço não formal de educação, tomaremos como foco o Instituto Guga Kuerten (IGK) e o seu manual metodológico que é embasado teoricamente nos 4 pilares da educação do relatório da UNESCO<sup>3</sup> da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (Educação: Um

---

<sup>2</sup> Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos. A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (GOHN 2006)

<sup>3</sup> Tendo em vista as características das sociedades contemporâneas sua diversidade e complexidade e o impacto dessas transformações na educação especialmente das novas gerações, a Organização das Nações Unidas para a

tesouro a descobrir), afim de analisarmos quais suas contribuições teóricas e práticas, para uma educação que promova diversidade de gênero.

Pensando que cada espaço educacional tem suas diretrizes teóricas metodológicas e que a educação é um ato político, o presente estudo tem como **problemática entender como o Instituto Guga Kuerten, um espaço educacional não formal, que tem como base teórica e metodológica os quatro pilares da educação, contempla uma educação para a diversidade de gênero, em sua prática pedagógica?**

Diante deste contexto o presente estudo tem como objetivo verificar em que medida a proposta de educação para a diversidade de gênero é incorporada na prática do IGK a partir dos quatro pilares da educação. Para tal, será analisado o Manual Metodológico do IGK, documento que é utilizado como base teórica na instituição, para analisarmos se ele contempla uma educação para a diversidade de gênero, além de analisar como os educadores do Instituto Guga Kuerten entendem as questões referente a diversidade de gênero. E identificar como os educadores do Instituto Guga Kuerten, entendem que desenvolvem a temática de gênero e diversidade em sua prática pedagógica.

Partindo desses pressupostos as hipóteses desses estudos foram inicialmente que: a metodologia do IGK, garante em seus escritos a discussão sobre a diversidade de gênero; As educadoras do IGK devido as diversas áreas do conhecimento tem diferentes entendimentos sobre educar para a diversidade de gênero, não se percebendo como agentes transformadoras; As educadoras do IGK tem dificuldade para entender que durante as atividades esportivas se evidenciam as diferenças culturalmente construído, entre as meninas e os meninos

A abordagem da pesquisa foi qualitativa e quantitativa. Qualitativa, pois, foi realizada uma análise do Manual do profissional do IGK, para verificar de que forma ele promove uma educação para a diversidade de gênero. Foi aplicado questionário quantitativo e qualitativo realizado com perguntas objetivas que explicaram as medidas, referente a percepção dos educadores frente a sua prática pedagógica, e os impactos que consideram realizar com sua prática através de questionário com perguntas abertas.

---

Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) criou em 1993 a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, formada por especialistas de educação de vários países. A essa Comissão coube a missão de responder à seguinte questão: Que tipo de educação ofertar às novas gerações no sentido de prepará-las adequadamente para enfrentar os desafios do Século XXI? Na busca de respostas a essa questão, a Comissão coletou dados junto a escolas, professores, especialistas de vários países. Esses dados deram origem ao Relatório “Educação, um Tesouro a Descobrir”, que ficou conhecido como Relatório Jacques Delors, que presidiu a Comissão e redigiu o relatório apresentado à UNESCO em 1996. Esse Relatório propõe princípios para a renovação do processo educativo e para um novo conceito de educação, segundo o qual toda ação educativa se apoia em quatro aprendizagens ou pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

O presente estudo está apresentará inicialmente a história do Instituto Guga Kuerten e sua forma de organização, seu funcionamento e sua estrutura pedagógica na prática. Além dos quatro pilares da educação e sua relação com a prática pedagógica com o IGK. Posteriormente o estudo apresenta a revisão de literatura aprofundando e abordando as questões de gênero na sociedade, na educação e no âmbito do esporte, já que o programa Campeões da Vida do IGK, utiliza o esporte para realizar suas intervenções educacionais. Depois o trabalho traz as análises, reflexões e resultados sobre os dados coletado e pôr fim às considerações da autora.

## 2. O INSTITUTO GUGA KUERTEN

O Instituto Guga Kuerten foi criado nos anos 2000 na cidade de Florianópolis inspirado na carreira profissional do tenista Gustavo Kuerten, e tem como missão oferecer oportunidade de transformação social para a comunidade atendida. Atualmente contempla três programas sociais sendo - o FAPS (Fundo de Apoio a Projetos Sociais); - o Programa de ações especiais e - o Programa de Esporte e Educação “Campeões da Vida”. Pensando na ideia de transformação social o “Programa Campeões da Vida”, oportuniza através de uma educação para o esporte, o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes atendidos.

O Programa de Esporte e Educação “Campeões da Vida” atende 700 crianças e adolescentes com faixa etária de 07 a 15 anos no contra turno escolar, em 7 núcleos (sendo 3 na cidade de Florianópolis nos bairros Itacorubi, Saco Grande, Canasvieiras, além de atender as cidades da grande Florianópolis: Palhoça, São José, Biguaçu e Campos Novos, no meio Oeste catarinense). Cada núcleo atende 50 educandos no período matutino e 50 educandos no período vespertino, dois dias na semana.

O Programa “Campeões da Vida” do IGK utiliza especialmente como ferramenta educativa a prática de esportes, atividades pedagógicas e recreativas em uma abordagem interdisciplinar entre as áreas Educação Física, Psicologia, Serviço Social, Biblioteconomia, Informática, Pedagogia e Jornalismo, sendo as atividades realizadas norteadas pelos quatro pilares da educação (Relatório Jacques Delors, 1996 - UNESCO): aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a conhecer.

A equipe interdisciplinar de cada núcleo se reúne quinzenalmente para realização do planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades. Nesse momento são pensadas as atividades esportivas e pedagógicas baseadas em um tema anual e subtema quinzenal que normalmente se evidencia nas demandas cotidianas dos núcleos.

Cada Núcleo atua com 3 oficinas socioeducativas sendo: Oficina de Tênis, Oficina de Esportes complementares e oficina. Na oficina de tênis, uma educadora física, além da presença de mais uma ou duas educadoras, que junto a educadora profissional planejam, executam e avaliam as atividades desta oficina. Essas educadoras organizam as ideias e materiais necessários para a realização das atividades propostas e dividem essas responsabilidades. Na oficina de tênis as educandas aprendem as regras e os fundamentos básicos do jogo. Mas não só - o esporte é utilizado para trabalhar e envolver o tema do ano, o subtema e os quatro pilares da educação, para que as educandas possam desenvolver as competências desejadas e outras mais. (MANUAL IGK, 2014).

A oficina de esportes complementares acontece geralmente em uma quadra poliesportiva. A responsável por essa oficina também é uma educadora física. Assim como no tênis, essa oficina conta com a presença de mais uma profissional. Essas educadoras planejam, executam e avaliam as atividades da oficina em conjunto. Além de ampliar a quantidade de atividades atrativas para o processo educacional, essa oficina surgiu com o objetivo de propor uma experiência motora múltipla, a fim de contribuir com o processo de desenvolvimento motor e cognitivo das educandas. Ela promove diversas modalidades esportivas e recreativas também envolvendo o tema do ano, o subtema e os quatro pilares da educação para alcançar seus objetivos pedagógicos. (MANUAL IGK, 2014).

A oficina cultural acontece geralmente em uma área protegida do sol e preparada com mesas e cadeiras para a realização das atividades. A pedagogia é a área responsável por essa oficina. Aqui não é diferente; todas as educadoras envolvidas participam do processo de planejamento, execução e avaliação das atividades realizadas nessa oficina. Essa oficina se utiliza de recursos não esportivos para alcançar seus objetivos educacionais: desenho, pintura, produção artesanal, teatral, artística em geral, produção de folders, brincadeiras diversas, jogos, entre muitas outras estratégias. Recursos audiovisuais como documentários, vídeos e filmes também são bastante utilizados nessa oficina para ilustrar e/ou promover discussões acerca do tema central e do subtema essas partes podem ir para a apresentação do IGK (MANUAL IGK, 2014).

## **2.1 OS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO DO RELATÓRIO DA UNESCO**

Considerando as características das sociedades contemporâneas, sua extrema mobilidade, seu acelerado ritmo de transformações em todos os setores, sua diversidade e complexidade e considerando, ainda, o impacto dessas transformações na educação especialmente das novas gerações, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) criou em 1993 a Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, formada por especialistas de educação de vários países. A essa Comissão coube a missão de responder à seguinte questão: Que tipo de educação ofertar às novas gerações no sentido de prepará-las adequadamente para enfrentar os desafios do Século XXI? Na busca por respostas a essa questão, a comissão coletou dados junto a escolas, professores, especialistas e entrevistou pessoas de vários países. Esses dados deram origem ao Relatório “Educação, um Tesouro a Descobrir”, que ficou conhecido como Relatório Jacques Delors,

que presidiu a Comissão e redigiu o relatório apresentado à UNESCO em 1996. Esse Relatório propõe princípios para a renovação do processo educativo e para um novo conceito de educação, segundo o qual toda ação educativa se apoia em quatro aprendizagens ou pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Ao perceber que o conceito de educação defendido pela UNESCO mantinha uma estreita relação com as ideias e princípios educacionais que orientavam suas ações, a direção do IGK adotou os quatro pilares da educação como referência para o seu trabalho, tendo o esporte como eixo estruturador das ações e ferramenta privilegiada para o desenvolvimento de conhecimentos, competências, habilidades e valores indispensáveis à vida em sociedade.

### 3. REVISÃO DE LITERATURA

Quando pensamos a trajetória da humanidade em suas relações sociais, não podemos em nenhum momento desconsiderar as relações de poder historicamente construídas nas relações entre mulheres e homens e seus papéis. Essas relações foram se construindo em torno das desigualdades, de uma sociedade etnocêntrica, machista, patriarcal, heterossexual, cristã, onde a constituição e formação da identidade dos homens tornou-os superiores, melhores, assumindo um papel público, de provedores, tomando a mulher como sua propriedade.

Baseada nesta perspectiva as mulheres foram obrigadas a assumir, o papel de coadjuvante, restringidas a desenvolverem tarefas domésticas, satisfazer e obedecer aos homens. Esse papel construído para as mulheres, começou a ser questionado no final do século XIX início do XX, quando o movimento denominado a “primeira onda” do feminismo iniciou. Conforme Pedro et. al. (2015) o movimento tinha como objetivo reivindicar os direitos políticos, como votar e ser votada, além dos direitos sociais como o trabalho remunerado e a educação.

Período de muitas lutas pela igualdade, a “primeira onda” chegou com muita força para promover a reflexão para que as mulheres assumissem as frentes de postos de trabalho, para conquistarem outras possibilidades além do papel de dona de casa e mãe, e da submissão do marido. Neste período as mulheres que optavam pela luta por igualdade de direitos, restava os estereótipos negativos de repudio, coação, ridicularização. Aceitar a emancipação política e social das mulheres era considerado “o fim”. (PEDRO et.al. 2015)

A primeira onda foi muito importante para legitimação da luta pela igualdade entre gêneros e para uma onda de transformações e questionamentos sobre as identidades das mulheres e suas demandas específicas. Pois se pensarmos a luta das mulheres na Europa em relação as mulheres no Brasil, podemos afirmar que as reivindicações e demandas não eram as mesmas. Escritos de Pedro et. al. (2015) explicam que as reivindicações da emancipação da mulher, desencadearam os estudos sobre as condições das mulheres, o papel da mulher, as condições de trabalho feminino, além de contribuir para a saída dos guetos de outros grupos excluídos como de negros, gays e outros movimentos sócias, esse momento foi considerada a segunda onda do feminismo.

Na sua utilização mais recente o termo gênero parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatizava igualmente

o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. (SCOTT 1995, p.71)

Para Scott (1995), o momento histórico onde a categoria gênero era fortemente negada pela sociedade machista, cristã, patriarcal e heterossexual, seus escritos resinificaram o pensar as relações entre homens e mulheres, proporcionando uma reflexão sobre o biológico e o cultural.

Na segunda onda do feminismo as lutas estavam baseadas nas discussões como igualdade no mercado de trabalho, liberdade sexual, a pílula anticoncepcional, a violência contra a mulher, emergindo a ideia da necessidade de pensarmos os direitos das mulheres nos âmbitos público ao privado. As discussões entre feministas igualitaristas e diferencialistas levou a debates sobre que “mulher” o movimento buscava dar voz? Estaria esse debate possibilitando a emancipação das mulheres e suas especificidades?

Wolff et. al. (2015) afirma que a categoria "mulher", que constituía uma identidade diferenciada da de "homem", não era suficiente para explicá-las. Elas não consideravam que as reivindicações as incluíam, então surge o termo “mulheres”, pois até o momento a luta era da “mulher”, sem pensar as mulheres em suas singularidades e especificidades. Não existe uma forma de ser mulher, se compreende que cada mulher negra, indígena, camponesas, idosas, jovens, casadas, solteiras, divorciadas, homossexuais, heterossexuais, e milhares de outras possibilidades, cada uma com sua identidade não poderia ser reduzida a uma “mulher só”.

Essa perspectiva de mulheres ampliou discussões possibilitou os movimentos gays e lésbicos na década de 70 iniciassem discussões como forma de problematizar as questões para diferenciar o sexo biológico do exercício da sexualidade, possibilitando o surgimento nos anos 80 do termo “gênero”, que começou a ser usado com a intenção de designar aspectos culturais sociais e políticos, implicados nas diferenciações entre homens e mulheres.

Conforme afirma Wolff et. al. (2015 p. 20 *apud* Scott) "gênero é a organização social da diferença sexual." Por outro lado, ela lembrava que gênero não refletia ou implementava diferenças fixas e naturais entre homens e mulheres, mas "um saber que estabelece significados para as diferenças corporais". O surgimento da categoria de análise “gênero” na história, nos permitiu e ainda permite conforme Wolff et. al. (2015) que as pesquisas focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero.

Conforme Louro et. al. (2003) a categoria gênero nos instrumentaliza teórico e

politicamente para o estranhamento das desigualdades sociais, bem como um recurso para os educadores na medida em que possibilita a desnaturalização das verdades. Na perspectiva feminista pós estruturalistas, gênero é ferramenta para a desnaturalização, apontando para a polissemia de masculinidades e feminilidades que se articulam a muitas 'marcas' sociais como classe, etnia, entre outras.

No espaço não formal de educação do Instituto Guga Kuerten, que atuo como supervisora pedagógica, vivenciamos diariamente situações de diferenças entre gêneros. Como se trata de um espaço onde a prática esportiva é utilizada como ferramenta para educar, as dimensões físicas biológicas construídas sobre os corpos de meninas e meninos se evidenciam ancoradas em discursos e práticas construídas historicamente pela sociedade.

O discurso comum entre as educandas é quase sempre, de que meninos são mais fortes, ágeis e são “melhores” na prática de esportes, é recorrente a desvalorização das meninas quando as atividades são competitivas. Mesmo com todo trabalho de intervenção, sensibilização frente a estas questões de respeito as diferenças, as situações são recorrentes. O discurso da supremacia de desempenho nas atividades sempre é demonstrado pelos meninos que tendem a não aceitar a participação das meninas nos grupos por considerar que seu rendimento não condiz com a expectativa e potencial dos meninos, considerando inclusive que a participação do maior número de meninas em um grupo é sinal de grupo “fraco”, sem chance de competir com igualdade.

A forma “natural” como são tratadas essas situações de preconceito de gênero não é reconhecida e entendida como tal, indo ao encontro do que Graupe et.al (2015, p.112) explica “que as pessoas refletem concepções internalizadas sobre homens e mulheres, sobre como homens e mulheres devem se comportar ”, e que o desafio de desenvolver reflexões e estudos que sensibilizem educadores e educandos não é uma tarefa fácil. Nesse sentido Graupe et. al. (2015, p. 113) afirma que:

Debater sobre diferentes posições, conceitos, concepções, opiniões sobre o que esperamos de cada gênero, é um exercício que exige conhecimento teórico-metodológico sobre a temática para que possam ser identificados os argumentos pautados em concepções conservadoras, machistas, sexistas, homofóbicas, heterossexuais, racistas, classicistas.

Esse movimento de aprofundamento, de conhecer, ressignificar, depende de inúmeros fatores, falando especificamente na situação da instituição educacional que atuo. Pois a percepção da importância de discutirmos essas questões nos momentos de formação da

instituição não são compreendidas como fundamentais, pelo entendimento de termos outras demandas mais emergentes.

Entendemos que tudo que está no discurso de negação no campo da sexualidade conforme Foucault (2005) tem se multiplicado em vez de refeito, trazendo consigo interditos e proibições, garantindo a solidificação e a implantação de todo um desproposito sexual, desencadeando essencialmente um papel de proibição. A educação, seja ela na educação formal ou não formal, do ensino básico, médio ou ensino superior, dentro de todas as relações de poder que a fundamenta, não consegue mais fugir ou fingir a necessidade de nos debruçarmos e agarramos as questões de gênero, diversidade e diferença e discutirmos, refletirmos, ensinarmos e aprendermos.

### **3.1 GÊNERO E DIVERSIDADE EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS**

A Constituição Federal do Brasil, promulgada em 1988, em seu artigo 6º estabelece que “a educação é um direito de todas e todos e, ainda, que condições para acesso e permanência escolar devem ser garantidas pelo Estado”. Entretanto existem várias situações que comprovam que nem sempre as leis são garantidas.

Os espaços educacionais sejam eles públicos ou privados, formais e não formais sempre reproduzem uma ideologia que representa determinada sociedade. No caso da educação brasileira, “nos mostra que todos os processos educativos sempre estiveram – e estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar corrigir, construir corpos de meninos e meninas, jovens homens e mulheres. (LOURO e.t al 2003, p. 07)

Se a vigilância é de responsabilidade dos espaços educacionais, tem outros adjetivos que esses espaços entendem bem, os de exclusão, diferenças e desigualdades, pois historicamente no Brasil, se evidenciou um dualismo, “adultos e crianças, católicos e protestantes, ricos de pobres e meninos e meninas” (Louro 2004, p.57), eram divididos e segregados baseados nos valores e regras sociais. Hoje ainda não é diferente, as diferenças de raça etnia, sexualidade, gênero, religião, sexual são tratadas como diferentes e desiguais, quando não são hegemonia que impera na educação.

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornando parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça sons cheiros, e os sabores bons e decentes e rejeite os indecentes, aprenda o que e a quem

tocar (ou, na maioria das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras (LOURO 2004, p.61)

Nos espaços educativos somos cercados por (im)possibilidades de vivências que nos constroem como sujeitos, formas essa que controlam e normatizam em prol de um padrão baseados em valores heterossexuais, sexistas, machistas, cristãos, branco, de uma classe social favorecida que segrega dualismo e dissemina a intolerância e violência.

Sabemos que essa é a realidade dos espaços escolares, que é o reflexo da sociedade da qual fazemos parte, então como transformar essa realidade?

Entendemos o que é fundamental discutirmos a temática de gênero e educação nos espaços educacionais, pois, de forma explícita ou implícita, por meio da sua ideologia, seu projeto político pedagógico, plano anual, plano de aula, metodologia, material pedagógico, suas práticas pedagógicas, linguagens, brincadeiras, ainda é um local privilegiado para discussão e reflexão sobre a produção e reprodução das desigualdades entre os gêneros (Graupe et. al. 2015 p. 111)

E para que possamos alcançar esses objetivos precisamos problematizar a falta de conhecimento sobre a questão de gênero por parte de profissionais da educação, ou de profissionais que possuem conhecimento, mas não estão dispostos a mudar sua forma de pensar e agir sobre gênero, identidades de gênero, orientação sexual, e acabam contribuindo para que a escola não desenvolva o seu papel de combate a toda e qualquer atitude e comportamento que revele sexismo, machismo, heterossexismo, etc. (GRAUPE et. al. 2015).

Para essa mudança cultural é necessário que os espaços educacionais estejam dispostos a debruçar-se sobre discussões e demandas, em busca de uma quebra de paradigmas.

Debater sobre diferentes posições, conceitos, concepções, opiniões sobre o que esperamos de cada gênero, é um exercício que exige conhecimento teórico-metodológico sobre a temática para que possam ser identificados os argumentos pautados em concepções conservadoras, machistas, sexistas, homofóbicas, heterossexuais, racistas, classicistas (Graupe et. al. 2015, p. 113).

Por tudo é necessário e urgente a discussão da temática de gênero nos espaços educacionais, pois vivemos um tempo de rápidas transformações de toda a ordem, assim como os discursos, os valores e as formas de viver entender o mundo. E como as desigualdades entre homens e mulheres são construídas com base em diferenças de sexo, é fundamental conhecermos a expansão da construção social do gênero através da história e da cultura, para que assim possamos nos questionar em relação a nossos valores, as relações de

poder, igualdade e justiça em uma sociedade das desigualdades e injustiças. (GRAUPE et. al. 2015)

### **3.2 GÊNERO E DIVERSIDADE NO ESPORTE**

Historicamente as mulheres precisaram lutar muito para assegurar um espaço no mundo dos esportes, começando pelo prestígio hierárquico dos homens, passando pela menor exposição e valorização das mulheres esportistas pela mídia, até pelas premiações bem menores que as atletas de profissionais recebiam (e ainda recebem). Essa diferença se inicia ainda na infância onde a cultura associada e naturalizada ao homem/masculino e mulher/feminino, parece determinar nossos papéis e os espaços que ocupamos. Se historicamente o domínio do espaço do masculino é o público, o político e nele se inserem princípios de força, virilidade, racionalidade, atividade, objetividade. O domínio do feminino é considerado o oposto, ou seja, o privado, o doméstico a maternidade, o cuidado, a condição de fragilidade, emoção, passividade, subjetividade.

Essa distinção é acentuada com a naturalização sexista construída historicamente. Os homens seriam, “por natureza”, mais corajosos, mais violentos, mais racionais; já as mulheres, “por natureza”, estariam mais propensas ao choro, à histeria, ao amor. E assim, baseados em critérios “naturais”, nasceram as atividades ligadas ao sexo: esportes masculinos e esportes femininos (GONÇALVES, 1998).

Essas relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em possibilidades e acessos extremamente desiguais. Argumentos apoiados em justificativas baseada em biologia foram (e ainda são) empregados para respaldar o domínio masculino não só no esporte, como extensão das outras instâncias sociais. Classificando homens e mulheres a partir das suas diferenças sexuais, busca-se também distinguir a feminilidade da masculinidade, naturalizando desigualdades. (DEVIDE 2005).

Baseada na produção cultural e histórica de superioridade dos homens, Silvana Goellner (2003) afirma em seus escritos que a biologia humana não é a única e maior responsável pela produção de corpos femininos e masculinos.

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a

serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem (GOELNNER, 2003, p.29).

Outra questão abordada pela autora é uma possibilidade de pensarmos o masculino e o feminino partindo de noções essencialistas que não contribuem para uma perspectiva que problematize as questões de gênero, que enfatizem a diversidade, ainda são muito difundidas nos espaços educacionais, reforçando a construção corpos e sujeitos femininos e masculinos.

Por isso é tão importante compreender as relações de poder inerentes as questões de gênero, pois esse é um campo em que se produz sentidos múltiplos, constituídos de inúmeras marcas sociais, tais como classe social, raça/etnia, sexualidade, religião, sendo estas articulações produtoras de interferências sobre a forma como se constituem as masculinidades e feminilidades (GOELNNER, 2003).

Para Helena Altmann (1998), traz-nos implicações relacionadas à ocupação dos espaços educacionais, relatando que meninos preenchem maiores espaços e locais de difícil acesso mais vezes que as meninas, até que uma delas faça o mesmo e promova a quebra dessas fronteiras.

Louzada et al., (2007 *apud* Souza 2009 p. 18) explica ainda que ao exibir a aceitação das meninas nos jogos esportivos entre os meninos, quando estas demonstravam possuir habilidades similares as deles, retrata haver exclusões de meninos, quando estes não desempenham com a mesma eficiência a prática esportiva na escola.

É um trabalho repesando anualmente e realizado por todas as áreas do conhecimento envolvidas. O fato do IGK ser um espaço não formal de ensino, que utiliza o esporte como possibilidade de educar, as questões relacionadas a diversidade de gênero são evidenciadas frequentemente, pois o esporte evidencia a força de um discurso que naturaliza as mulheres como inferiores perpetuando uma condição que historicamente se construiu, na sociedade ocidental.

[...] ainda hoje o esporte é marcado por diferentes posicionamentos acerca da participação feminina e a luta ainda não acabou, pois há muito o que se fazer para que as condições de gênero sejam igualitárias. Também não podemos esquecer que aspectos relacionados a classe, raça, religião, política, idade e cultura ainda impedem que muitas mulheres participem ativamente nas várias instâncias proporcionadas pelo esporte (JAEGER 2006, p.207).

Assim como essas questões sabemos que existem muitas outras que precisam ser desacomodadas para que possamos visualizar outros caminhos, pensarmos estratégias, desmistificarmos práticas e refletirmos com o objetivo de questionarmos fatos. Uma prática

pedagógica que entenda e conheça a história e luta social das mulheres baseada em pressupostos que possibilitem um empoderamento feminino são ações fundamentais para que isso aconteça.

Dadas as explicações sobre essas questões de gênero na prática esportiva, gênero em diferentes contextos e pontos de vista, remeto-me aqui à relevância de levar essas discussões mais profundamente para um espaço não formal de educação que não utiliza um currículo e sim uma metodologia baseada nos quatro pilares da educação oriundos do Relatório da UNESCO, que utiliza o esporte como possibilidade de educar, uma vez que neste espaço educacional o corpo e os valores são vistos e produzidos de formas únicas.

## **4. CAMINHOS METODOLÓGICO**

### **4.1. TIPO DE ESTUDO**

A presente pesquisa é de cunho acadêmico pois possui fins científicos e tem como o objetivo de conhecimento. É caracterizada pela proposta descritiva, por estar dentro de análises quantitativas e qualitativas e garante o levantamento de dados, além de exploratória, pois, investigará a metodologia do IGK.

Com relação ao tempo, a pesquisa se enquadra como ocasional, pois, foi realizada apenas uma vez, seus resultados mostraram a situação em um determinado momento, nesse caso.

Quanto ao instrumento de coleta de dados, foi utilizado um instrumento estruturado, que segundo Mattar (1995), são altamente recomendados para pesquisas conclusivas. O instrumento foi elaborado a partir dos objetivos geral e específicos da pesquisa.

Na pesquisa utilizaram-se dados primários e secundários. Sendo os dados primários informações originais reunidas com um propósito específico, que nunca foram coletados ou analisados, que neste caso foi constituído pelo questionário aplicado as educadoras. E os dados secundários que são as informações já existentes em algum lugar, no caso o manual que aborda a metodologia do IGK e de fontes bibliográficas (MATTAR, 1995).

### **4.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO**

Pensando no objetivo da pesquisa, a pesquisa foi realizada em dois momentos, inicialmente a análise do documento que contempla a metodologia do IGK, intitulado “Manual do Profissional e do Estagiário do Instituto Guga Kuerten”, foi aplicado um questionário com questões estruturadas objetivas e dissertativas, que teve como população definida inicialmente 12 educadores dentre os 50 educadores que atuam no IGK, sendo 2 de cada núcleo de atendimento do IGK. (2 educadores do Núcleo Saco Grande, 2 educadores do Núcleo Itacorubi, 2 educadores do Núcleo da Palhoça, 2 educadores do Núcleo São José, 2 educadores do Núcleo Canasvieiras, 2 educadores do Núcleo de Biguaçu), que foram escolhidos após consentimento através de sorteio.

### 4.3 COLETA DOS DADOS

A coleta de dados foi realizada através de questionário com questões objetivas e dissertativas que foi enviado para os 12 educadores do IGK através de e-mail, com questionário em formulário no *Google (anexo)*. A amostra se deu por sorteio, e o questionário foi enviado por e-mail, através do *Google* formulário/questionário.

As 6 educadoras das 12 que havíamos enviado o questionário, que se propuseram a responder o questionário receberam um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). Esse documento contém todas as informações sobre a pesquisa e seus responsáveis, bem como sobre o anonimato e o caráter confidencial das informações prestadas.

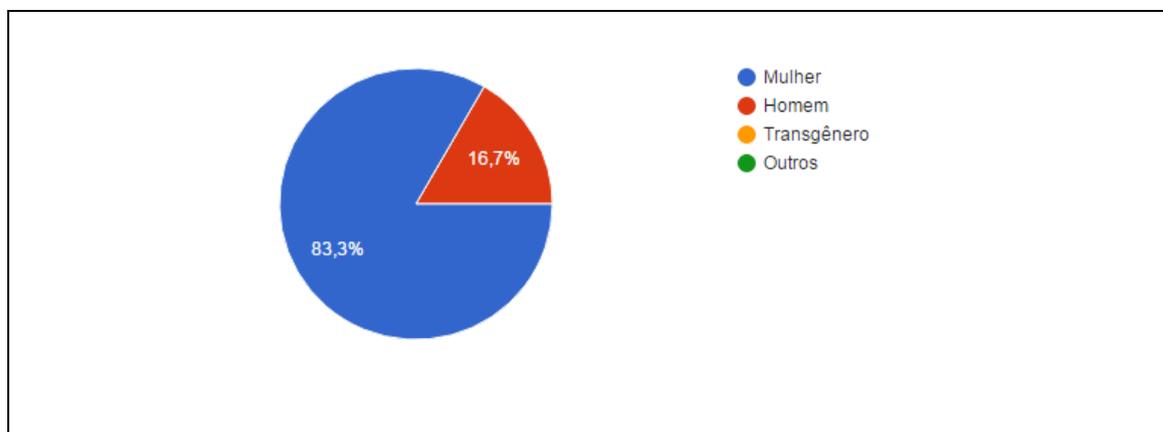
Este estudo atendeu a Resolução 466/2012, que orienta o desenvolvimento de pesquisas com seres humanos no Brasil que direciona seu foco ao âmbito bioético dos estudos, ao enfatizar a necessidade de valorizar “o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas envolvendo seres humanos”; “o desenvolvimento e o engajamento ético, que é inerente ao desenvolvimento científico e tecnológico”; e que “todo o progresso e seu avanço devem, sempre, respeitar a dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano”.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

### 5.1 RESULTADOS GRÁFICO SÓCIO DEMOGRÁFICOS

Diante da proposta metodológica inicial desta pesquisa a ideia era entrevistar 12 educadoras, para análise de dados, entretanto somente 6 educadoras responderam o questionário. Sendo assim conforme nos apresenta a Figura 2 a participação maior foi das mulheres.

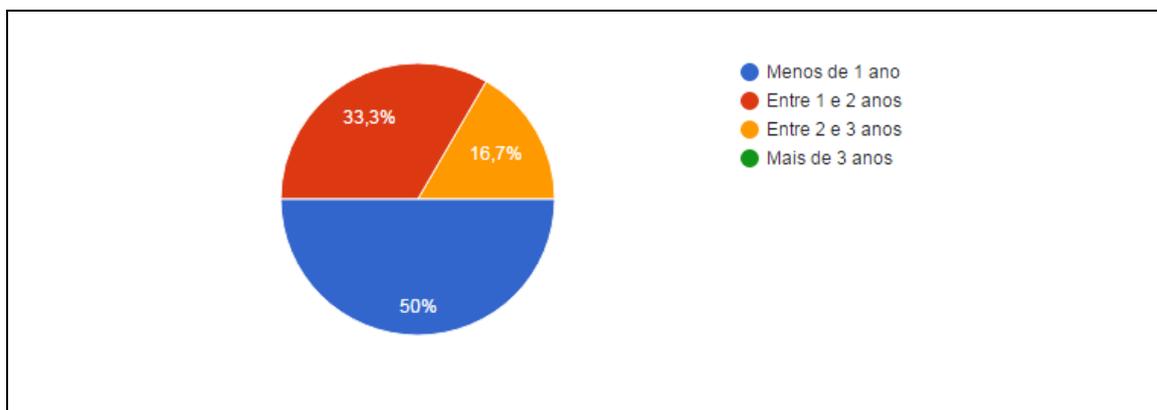
Figura – Expressão de gênero dos participantes.



Fonte: Elaborada pela autora

Durante o sorteio para delimitação do estudo foram sorteadas 8 mulheres e 4 homens, por questões pessoais, participaram efetivamente respondendo os questionários da pesquisa 5 mulheres e 1 homem.

Figura 2 – Tempo de atuação da educadora no IGK

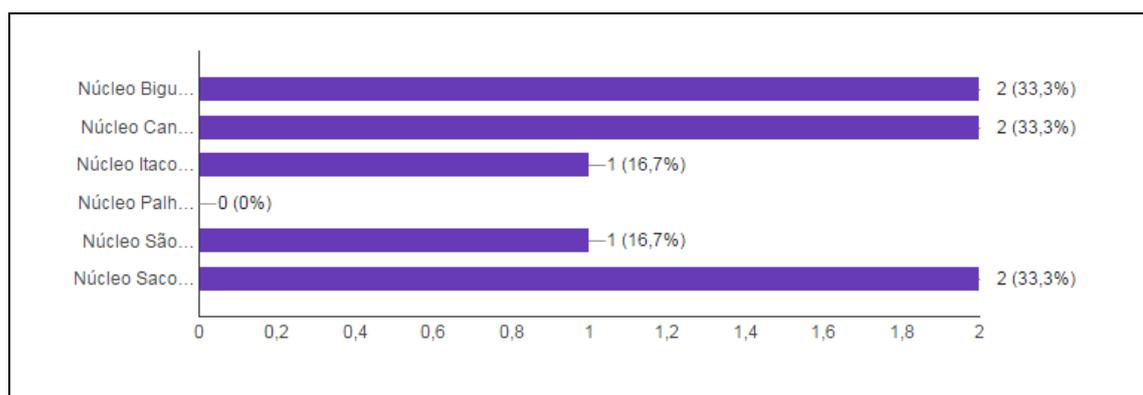


Fonte: Elaborada pela autora

Na figura acima (Figura 2), observamos que a maior parte das educadoras faz parte da equipe há menos de 1 ano, no Instituto Guga Kuerten, representando 50% do total das entrevistadas, enquanto 33,3% entre a faixa 1 e 2 anos e 16,7% das educadoras trabalham de 2 à 3 anos no IGK.

Considerando que o IGK desenvolve 4 momentos de capacitação para aprofundamento da metodologia durante o ano de trabalho, além reuniões quinzenais com equipe interdisciplinar, mediada por supervisores pedagógicos e supervisão de área mensal, entendemos que todas têm condições de dialogar sobre a metodologia do IGK.

Figura 3 – Núcleo de atuação no IGK da educadora entrevistada



Fonte: Elaborada pela autora

Conforme o Manual do estagiário e profissional do IGK (2014), o Instituto atende em 7 núcleos: Biguaçu, Canavieiras, Campos Novos (não participou da pesquisa), Itacorubi, Palhoça, Saco Grande e São José.

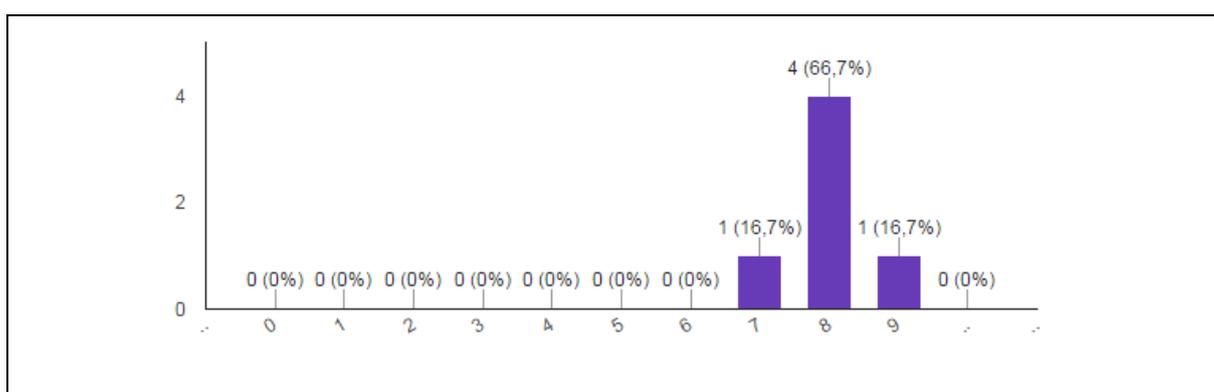
Na Figura 3 podemos observar que somente as educadoras do Núcleo da Palhoça não participaram da pesquisa, por motivos pessoais como disponibilidade de tempo. Podemos analisar ainda que uma educadora que atua no núcleo Canavieiras e Saco Grande e outra atua no núcleo Biguaçu e São José, explicando assim as 8 participações, ou seja, uma mesma educadora participante da pesquisa atua em dois núcleos em dias diferentes.

## 5.2 CONTEÚDO E DEVOLUTIVA DOS QUESTIONÁRIOS

Essas foram as questões apresentadas no questionário disponibilizado para as educadoras.

1. Tendo como base a imagem acima, quanto você se sente capacitado para trabalhar com as questões de diversidade de gênero?
2. Quanto você entende que a temática da diversidade de gênero é relevante para o trabalho pedagógico com os educandos no IGK?
3. Quanto você entende a proposta metodológica do IGK, os 4 pilares da educação (relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI) ?
4. Baseado nos 4 pilares da educação, temos as competências a serem desenvolvidas em cada um deles. Quais dessas competências contemplam as questões de diversidade de gênero?
5. Quanto você entende que a metodologia do IGK contempla e dá subsídios para uma prática pedagógica que garanta uma educação para a diversidade de gênero? Baseado na nota da questão acima, explique por quê?
6. Durante as oficinas esportivas, você percebe diferença entre os meninos e meninas na realização das atividades, considerando a motivação, desempenho, dedicação e competência? Quais as diferenças?

Figura 4 – Entendimento e domínio da proposta metodológica do IGK



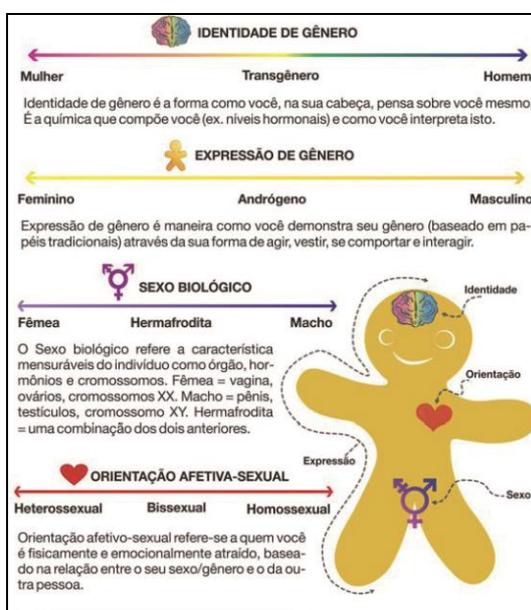
Fonte: Elaborada pela autora

Partindo da premissa que a proposta metodologia do Instituto Guga Kuerten é baseada nos 4 pilares da educação, pensei em uma questão para mensurar quanto os educadores entendem e dominam essa metodologia considerando 0 como nada e 10 como muito. Diante

dos resultados podemos considerar que os educadores têm um bom nível de entendimento sobre a metodologia, pois 4 educadoras entrevistadas entendem 8. Uma educadora entrevistada entende 9 e a outra educadora entrevista entende 7. Considerando assim um nível satisfatório de compreensão sobre a metodologia.

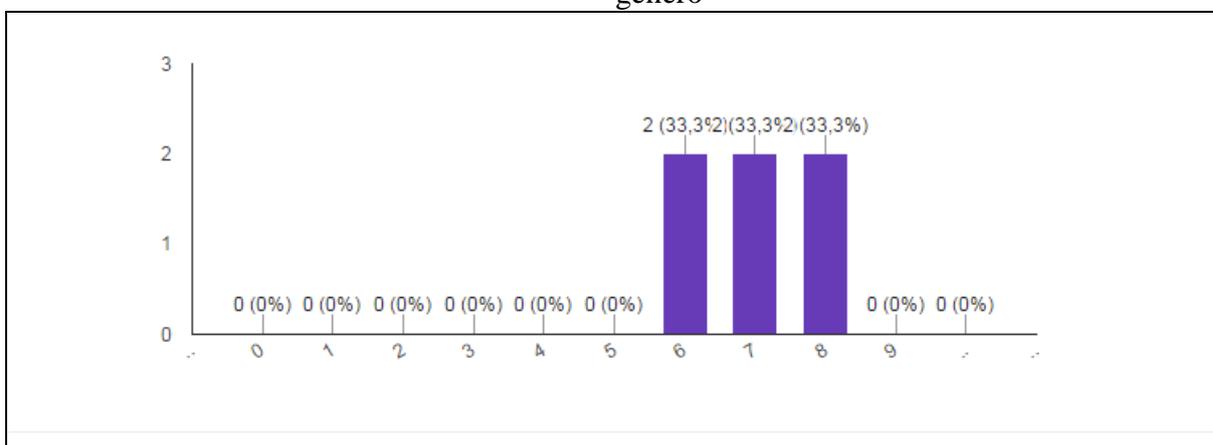
Para medir qual o entendimento das educadoras sobre a diversidade de gênero, inserimos a figura do “biscoito sexual” (figura 5) para deixarmos em evidencia que conceitos estamos nos referindo.

Figura 5 – Diversidade de Gênero



Fonte: <http://verbodavida.org.br/mensagens-gerais/serie-ideologia-de-genero-parte-ii>

Figura 6 – Baseado na figura 5 o entendimento das educadoras sobre diversidade de gênero



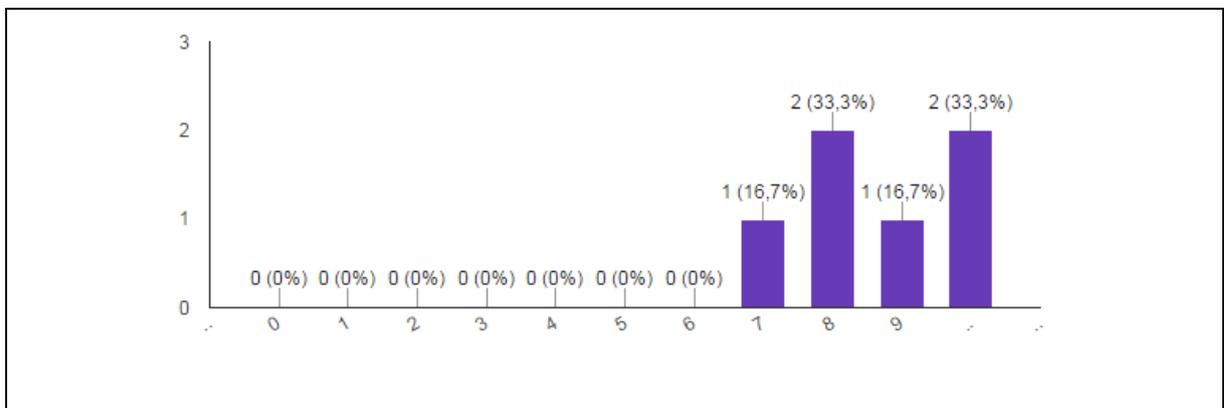
Fonte: Elaborada pela autora

Sobre o entendimento das educadoras sobre diversidade de gênero, é fundamental evidenciar que nos embasamos nos conceitos de diversidade de gênero baseada na perspectiva que explica Joan Scott (1990), onde a categoria gênero é entendida como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder”

A análise desta questão se evidencia a 2 educadoras entrevistadas, abaixo da média esperada de entendimento sobre a diversidade de gênero. Tendo ainda 2 educadoras entrevistadas que estão na média 7 de entendimento sobre a diversidade de gênero e 2 educadoras entrevistadas com um média 8.

Sobre as questões relacionadas a metodologia baseada nos 4 pilares da educação do Relatório da UNESCO para educação e a diversidade de gênero, perguntamos as educadoras “quanto você entende que a metodologia do IGK contempla e dá subsídios para uma prática pedagógica que garanta uma educação para a diversidade de gênero?”. Sobre esta questão a figura 9 nos apresenta os seguintes resultados:

Figura 7 – A metodologia do IGK contempla e dá subsídios para uma educação para a diversidade.



Fonte: Elaborada pela autora

Uma educadora acredita que a metodologia dos quatro pilares da educação utilizada pelo IGK contempla uma educação para a diversidade de 0 à 10, para ela é sete (7). Já duas (2) educadoras que equivalem entendem que a proposta contempla 8 (de uma base de 0-10). Uma educadora que equivale entende que numa escala de 0-10, a metodologia do IGK contempla em nove (9) uma educação para a diversidade de gênero e por fim duas (2)

educadoras entendem que numa escala de 0-10, a metodologia do IGK contempla em dez (10) uma educação para a diversidade de gênero.

Esse resultado faz-nos refletir sobre um entendimento que contempla o respeito e cuidado com que as práticas pedagógicas são realizadas na instituição. A ideia de respeito pelos desejos e pela realidade social econômica educacional familiar das educandas, remete a condição de respeito a diversidade, que neste estudo vai além do respeito possivelmente as educadoras abordam aqui, não menos importante. Ou seja, quando nos movimentos de intervenção pedagógica as educadoras respeitam a realidade das educandas, através da escuta, da oportunidade de diálogo, através do vínculo afetivo e da oportunidade do desenvolvimento de autonomia e protagonismo, as educadoras estão disponibilizando um espaço valioso e restrito para as educandas, entretanto esse movimento sozinho, sem intenção e olhar político não garante uma educação para a diversidade de gênero.

Após terem quantificado suas impressões as educadoras foram convidadas a explicar sua nota na escala de 0-10 sobre o quanto cada uma entendia que a proposta metodologia do IGK contemplava uma educação para a diversidade.

As respostas evidenciaram que todas as educadoras entrevistadas entendem que a metodologia dos 4 pilares da educação do IGK contempla uma educação para a diversidade de gênero. Entretanto entendem que somente a metodologia não basta para trabalharmos questões relacionadas a diversidade de gênero.

“Acredito que, de modo geral, os 4 Pilares da educação, utilizadas pelo IGK como metodologia, contemplam de forma bastante ampla as temáticas inerentes para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes participantes do Programa. Contudo, desde que os Educadores estejam aptos tanto para propor as atividades, quanto para desenvolvê-las, visto que mesmo que este seja um excelente método orientador quanto aos objetivos das atividades planejadas, nós educadores, devemos ter o compromisso de constantemente nos capacitar e/ou atualizar para a realização de rodas contextualizadas e de qualidade, no intuito de evitar reproduzir preconceitos ou pensamentos do senso-comum, principalmente quando nos referimos a temáticas como as vinculadas as questões de gênero” (EDUCADORA 1).

O fato do IGK trabalhar com temas geradores quinzenais, que nascem das demandas da prática, a sexualidade e as diversidades são temáticas desenvolvidas frequentemente, e quando trabalhados são utilizados para desenvolver as competências dos pilares “Aprender a Ser” e “Aprender a Conviver”, que possibilitam as educadoras abordarem questões de respeito a diversidade através das competências.

Entretanto as respostas evidenciaram para a necessidade de formação para aprofundamento na temática conforme resposta da educadora 3

“Poderia ser mais desenvolvido, ter mais tempo para essas especificidades, uma forma de capacitação onde abordasse esse tipo de assunto, onde os educadores possam desenvolver a prática com mais segurança (Educador 3)”

Esse relato da educadora apresenta algo fundamental quando pensamos em diversidade de gênero, o posicionamento político de cada uma de nós. Já que dialogar sobre gênero em espaços educacionais implica, na maioria das vezes, debater sobre diferentes posições, conceitos, concepções, opiniões sobre o que esperamos de cada gênero. Esse movimento deve ser responsabilidade de todas, para que assim possamos identificar os argumentos pautados em concepções conservadoras, machistas, sexistas, homofóbicas, heterossexistas, racistas, classistas, e trabalharmos e considerarmos um espaço educativo que construa e desconstrua, lutas, interesses, necessidades, como também conquista da educação como um direito intransferível do cidadão, da cidadã. Entender a educação conforme as possibilidades de mudanças, transformações implica em abandonar certos valores, preconceitos, discriminações, portanto ultrapassar análises simplistas e cartesianas da educação, e o primeiro deles é entender a relevância social da temática. (GRAUPE et.al, 2015)

Para Graupe et.al (2015):

Cabe as educadoras, principais agentes dessa mudança, buscar, conhecer, dominar conteúdos, refletir e possibilitar as educandas, a nova geração, oportunidades de frequentarem uma instituição com valores humanos e respeito individual ou coletivo, amenizando as discriminações e diferenças no espaço educativo e fora dele. Com a falta de conhecimento e dificuldades de educadoras em desenvolverem o tema de gênero nos espaços educacionais, torna-se mais difícil o desempenho e a difusão quanto ao fim das violências e discriminações vivenciadas no cotidiano das escolas (GRAUPE et. al p.15 2015).

As educadoras têm muitas dúvidas sobre como abordar a temática e tem medo de transgredir o limite imposto historicamente sobre as diferenças, se refletindo em uma prática que não arrisca, que pondera e não subverte, como o discurso da cautela da educadora 2.

“Durante este tempo que estive, pudemos trabalhar nas oficinas de maneira construtiva com os educandos algumas questões referentes a gênero, expressões de gênero, curiosidades a respeito destes assuntos, da identidade e sexo, porém a orientação não é muito trabalhada até por uma questão da faixa etária dos educandos, ao meu ver.” (EDUCADORA 2).

Quando a educadora expõe a questão da orientação como algo que não é trabalhado pela questão da faixa etária, reforça a ideia de que falar sobre qualquer assunto vinculada as questões de sexualidade e gênero, que saia da norma deve ser escondido das crianças.

Deveríamos então supor que tais assuntos seriam inconvenientes e até danosos para a formação? Seriam as ruas, os hospitais ou a mídia os melhores (ou os únicos) espaços onde jovens podem aprender sobre sexualidade? Em vez disso, caberia admitir que nossos (as) jovens já estudam “isso”, mas a partir da perspectiva heteronormativa, na produção de corpos, sujeitos e identidades segundo a lógica da “heterossexualização compulsória” (BUTLER, 2003).

Qual a faixa etária para falarmos de orientação sexual? A mídia, a religião e todas as formas de educar em nossa sociedade, diariamente determinam nossos papéis de gênero desde o momento que somos concebidos, e não podemos falar sobre o assunto com crianças com faixa etária de 7 à 15 anos?

Enfatiza-se que é necessária e urgente a discussão da temática de gênero no campo educacional, pois vivemos um tempo de rápidas transformações de toda a ordem. As falas que circulam pela sociedade são muitas e variadas, assim como também são os conceitos, valores e formas de entender o mundo e as pessoas. As desigualdades entre homens e mulheres são construídas com base em diferenças de sexo. Faz-se necessário conhecermos a expansão da construção social do gênero através da história e da cultura, que nos remetem a questionamentos, valores, relações de poder, igualdade e justiça em uma sociedade das desigualdades e injustiças. (GRAUPE et. al p.9 2015).

É inadmissível pensarmos em um determinado momento da vida (faixa etária) para falarmos sobre diversidade de gênero e sexualidade, se pensarmos na emergência e necessidade e obrigação que nós educadoras temos na desconstrução de paradigmas segregadores sobre a diversidade de gênero. Para que mundo estamos preparando nossas educandas? Se lhes falamos somente sobre coisas e seres existentes em nossa realidade imediata, por que lhes falamos de “esquimós”, tigres de dente de sabre, sereias ou Atlântida? Não falamos de lésbicas e gays “porque em nosso espaço educacional eles não existem” ou será que gays e lésbicas “não existem” (são invisíveis) justamente porque não nos parece conveniente criar condições para falar deles(as)? Mesmo em caso de uma improvável inexistência de lésbicas e gays em espaços educacionais, uma educação voltada para a promoção da cidadania não exigiria a elaboração de currículos mais abrangentes e o ensino de valores e práticas sociais acolhedoras de alteridades não notadas? (JUNQUEIRA, 2009 p. 177).

Outra questão abordada no questionário desta pesquisa para as educadoras foi “quais as competências existentes na metodologia dos 4 pilares da educação que ancora a prática do IGK, contempla as questões de diversidade de gênero.”

Para analisarmos esta questão faz-se necessário apresentar as competências de cada pilar utilizados como objetivo, para atingir nas atividades realizadas que são planejadas pelas educadoras.

Figura 8 – 4 Pilares da educação e suas competências

<b>APRENDER A CONHECER</b>	<b>APRENDER A FAZER</b>	<b>APRENDER A SER</b>	<b>APRENDER A CONVIVER</b>
<p>Aprender a conhecer é oportunizar às crianças e aos adolescentes a compreensão do mundo a sua volta, apreender essa realidade e contribuir de forma consciente para a sua transformação e/ou preservação de suas conquistas sociais.</p>	<p>O pilar aprender a fazer é indissociável do aprender a conhecer, uma vez que trata da aplicação em qualquer profissão ou atividade dos conhecimentos adquiridos nos processos formal e informal de educação.</p>	<p>Aprender a ser integra as três aprendizagens precedentes, pois ultrapassa a visão meramente instrumental da educação, compreendida como a realização da pessoa em sua totalidade: corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade e espiritualidade. Para aprender a ser, o indivíduo precisa cultivar uma atitude de autodesenvolvimento e dominar as competências do conhecer, do fazer e do conviver para construir e reconstruir uma identidade singular e projetos de vida pessoais e coletivos.</p>	<p>Aprender a conviver tem, portanto, uma dimensão pessoal, que é aprender a lidar com os próprios desafios e uma dimensão coletiva, que é preparar-se para produzir coletivamente. Para tanto, é importante que os educandos desenvolvam competências relacionais como respeitar o outro, saber ouvir, a respeitar as diferenças, aprender a ceder e a fazer acordos.</p>
<p>Ler e escrever com compreensão;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>♣ Expressar-se oralmente com clareza;</li> <li>♣ Calcular e resolver problemas;</li> <li>♣ Aprender a localizar, acessar e utilizar informações;</li> <li>♣ Analisar e interpretar dados, fatos e situações;</li> <li>♣ Interagir criticamente com os meios de comunicação;</li> <li>♣ Aprender a aprender (autodidatismo – buscar formação permanente);</li> <li>♣ Aprender a ensinar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>♣ Desenvolver a criatividade;</li> <li>♣ Ser capaz de produzir e gerir conhecimentos;</li> <li>♣ Ser capaz de organizar, desenvolver e avaliar o próprio trabalho (autogestão);</li> <li>♣ Ser capaz de organizar, desenvolver e avaliar o trabalho de outras pessoas (co-gestão e heterogestão);</li> <li>♣ Saber liderar e ser liderado;</li> <li>♣ Delegar responsabilidades;</li> <li>♣ Aprender a negociar e assumir compromissos;</li> <li>♣ Desenvolver</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>♣ Aprender a se conhecer;</li> <li>♣ Desenvolver autoestima positiva (gostar de si mesmo, apreciar-se);</li> <li>♣ Desenvolver autoconceito positivo (valorizar-se);</li> <li>♣ Desenvolver autoconfiança;</li> <li>♣ Valorizar a vida;</li> <li>♣ Ter um projeto de vida;</li> <li>♣ Aprender a cuidar-se;</li> <li>♣ Desenvolver autocontrole;</li> <li>♣ Aprender a fazer escolhas; ♣ Aprender a lidar com os sentimentos;</li> <li>♣ Ser capaz de viver a própria intimidade;</li> <li>♣ Ser capaz de elaborar</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>♣ Reconhecer o outro;</li> <li>♣ Conviver com a diferença;</li> <li>♣ Aprender a interagir;</li> <li>♣ Aprender a comunicar-se;</li> <li>♣ Aprender a lidar com a afetividade e sexualidade;</li> <li>♣ Aprender a conviver em grupo;</li> <li>♣ Desenvolver compromisso com o coletivo;</li> <li>♣ Desenvolver compromisso com o ambiente;</li> <li>♣ Desenvolver compromisso com a diversidade cultural;</li> </ul>

<p>(didatismo – transferir conhecimento a outros);</p> <p>♣ Aprender a conhecer (construtivismo – produzir conhecimento por meio do fazer).</p>	<p>flexibilidade;</p> <p>♣ Desenvolver habilidade de transformar projetos em realidade.</p>	<p>pensamentos autônomos e críticos;</p> <p>♣ Autonomia (reger-se por critérios próprios);</p> <p>♣ Superar seus limites;</p> <p>♣ Autorrealização (consciência de estar no caminho certo e de não estar parado);</p> <p>♣ Autoconsciência (aprender a aceitar-se);</p> <p>♣ Auto percepção (identificar seus pontos fortes e fracos);</p> <p>♣ Autoconceito preciso (formar uma ideia precisa de si mesmo);</p> <p>♣ Autoconfiança (apoiar-se, primeiro, em suas próprias forças).</p>	<p>♣ Aprender a cultivar e promover a paz;</p> <p>♣ Aprender a resolver conflitos;</p> <p>♣ Aprender a elaborar vitórias e derrotas de forma construtiva;</p> <p>♣ Conhecer seus direitos e deveres e atuar de forma proativa em sua promoção e garantia;</p> <p>♣ Aprender a utilizar regras de conduta socialmente aceitas;</p> <p>♣ Aprender a ouvir o outro;</p> <p>♣ Aprender a cooperar;</p> <p>♣ Aprender a propor sem impor, explicitando razões;</p> <p>♣ Aprender a não agredir o semelhante;</p> <p>♣ Aprender a competir com lealdade;</p> <p>♣ Aprender a ceder sem se sentir perdedor;</p> <p>♣ Aprender a ser solidário na adversidade, superando o individualismo.</p>
---	---	---	--

Fonte: Manual do Profissional do IGK levar estas competências para a parte e que apresenta os pilares

Todas as educadoras elencaram competências dos pilares aprender a conviver e aprender a ser.

“Aprende a conhecer, a interpretar dados fatos e situações; Aprender a aprender; Aprender a ser se conhecendo e reconhecendo; Aprender a conviver com o diferente (Educadora 1) ”.

“Aprende a conhecer, a interpretar dados fatos e situações; aprender a aprender; Aprender a ser se conhecendo e reconhecendo; Aprender a conviver com o diferente; (Educadora 2) ”.

“Acredito que todas as competências que constituem os Pilares "Aprender a ser" e "Aprender a Conviver". (Educadora 3) ”.

“Aprender a Conviver: reconhecer o outro, conviver com a diferença, conviver com o grupo, desenvolver o compromisso com o coletivo e com a diversidade cultural. Aprender a ser: aprender a se conhecer, desenvolver a autoestima positiva e autoconfiança. (Contempla outras competências, cada uma voltada para o objetivo da sua atividade) (Educadora 5) ”.

“Ser capaz de viver a própria intimidade. Aprender a se conhecer. Aprender a fazer escolhas. Aprender a lidar com os sentimentos. Aprender a lidar com os sentimentos. Autoconsciência. Autoconceito preciso. Aprender a lidar com a afetividade e sexualidade. Conviver com a diferença. (Educadora 6) ”.

Conforme podemos observar na Figura 8, o pilar aprender a conviver conforme o Manual do Estagiário do IKG (2014) tem uma dimensão pessoal, que é aprender a lidar com os próprios desafios e uma dimensão coletiva, que é prepara-la para a convivência com o coletivo. Ela evidencia o desenvolvimento de competências relacionais como, por exemplo, respeitar o outro, saber ouvir, respeitar as diferenças individuais, aprender a ceder e a fazer acordos. São competências que, para serem desenvolvidas, precisam do comprometimento das próprias educandas e de seu envolvimento com a outra, ou com um grupo.

Pensado a realidade das competências a serem desenvolvidas, os pilares Aprender a Ser e Aprender a conviver são exatamente os que podem garantir as discussões e o desenvolvimento de habilidades e competências que contemplem uma educação para a diversidade

Outra questão abordada durante a entrevista foi “durante as oficinas esportivas, você percebe diferença entre os meninos e meninas na realização das atividades, considerando a motivação, desempenho, dedicação e competência? Quais as diferenças?

Diante destes questionamentos as respostas das entrevistadas foram bem distintas. Podemos analisar que 5 das 6 educadoras avaliaram que existem diferenças entre os meninos e meninas durante as oficinas esportivas,

Sim. Dependendo da atividade há uma grande divisão entre os educandos, os meninos para um lado e as meninas pro outro, ou eles interagem apenas com aquela menina que tem mais aptidão para desenvolver tal atividade. (Educadora 3).

O esporte historicamente é pensado como uma prática masculina, entendido como uma prática que poderia machucar, masculinizar e/ou comprometer as funções reprodutivas das mulheres é posto em suspensão, demonstrando muito mais ignorâncias sobre a feminilidade que verdades científicas sobre nosso corpo. O olhar sobre a realidade cotidiana de mulheres atletas revela “[...] que a construção de maior igualdade de gênero nesse campo carece de investimentos mais positivos na educação corporal e esportiva de meninas e mulheres.” (NEIL 2016 *apud* ALTMANN, 2015, p. 30).

Diferenças eles têm, porém são muito relativas. Dependendo da idade são mais participativos, competitivos e desenvolvem melhor algumas competências, mas não necessariamente tem ligação com ser menino ou menina. Ex.: educandos da C (adolescentes) meninos, na sua maioria gostam de jogar futebol e pedem para isso. As meninas da C são mais "na sua" conversando, algumas gostam de jogar, outras preferem outro esporte ou outra coisa. Mas tem meninos que também não gostam tanto de futebol, as vezes pode estar ligado ao sobre peso ou preferência própria de fazer outras atividades em vez o futebol ou práticas físicas. (Educadora 1).

Já no caso da Oficina de Esportes Complementares, é possível identificar, via de regra, diferenças quanto a motivação, por parte dos educandos, para realização de algumas atividades. Talvez pelo fato dos esportes desenvolvidos nesta oficina se alternarem, sendo mais fácil os educandos atrelarem seu desempenho ao gênero, já que aqueles que possuem mais contato ou, em algum momento, já praticaram alguma das atividades, geralmente se sobressaem. (Educadora 2)

Sim. Dependendo da atividade há uma grande divisão entre os educandos, os meninos para um lado e as meninas pro outro, ou eles interagem apenas com aquela menina que tem mais aptidão para desenvolver tal atividade. Os educandos buscam a perfeição do outro e quando não é contemplada eles reclamam e até desmotivam o próprio colega por reclamar de tal desempenho, não respeitam as dificuldades do outro e são poucos os educandos que ajudam ao próximo, falta cooperação em diversas atividades entre meninos e meninas, já melhorou mais pode melhorar ainda mais (Educadora 3)

Pelo pouco que vejo das oficinas esportivas acredito que tenha sim diferença, primeiro porque já existe uma imagem em nossa sociedade de que os meninos sempre são melhores no esporte, sendo assim algumas vezes as meninas perdem lugar para eles e acredito que outra diferença seria na motivação dos mesmos, acredito que os meninos se apresentam mais motivados na prática do esporte, porque sempre foram incentivados para isso, o que não acontece muito com as meninas. Educadora 5.

O relato da educadora 1 aponta a invisibilidade das questões de gênero no espaço educacional em especial por esta educadora, quando ela entende como relativo o comportamento de adolescentes de 13 à 15 anos onde os meninos na sua maioria preferem jogar futebol e as meninas são mais “na sua”, está justamente reforçando a ideia historicamente construída de que os homens são predispostos ao esporte e as mulheres são mais contidas e preferem não suar, não correr, tem que ficar lindas, cheirosas esperando pelo meninos.

Muitos estudiosos de gênero – em especial aqueles que se dedicam ao estudo das masculinidades- destacam o papel dos esportes e da ginástica no processo de formação dos sujeitos. Messner (1992<sup>a</sup>, 1992b) é um dos que afirmam a centralidade dessa área na formação dos meninos, mostrando em suas pesquisas que, para vários homens, praticar esportes durante a vida escolar era considerado como natural, “instintivos” e o seu oposto, ou seja, não pratica-lo, era visto como um indicador de que “ algo está (ou estava) errado”, já que esporte é “parte da existência” masculina. (...) gostar de futebol em nossa sociedade é considerado quase uma obrigação para qualquer garoto “normal” e “sadio.” (LOURO 1994, p 74-75)

Entender que não existe diferença conforme a educadora 6 “Não observo nenhuma diferença quanto ao gênero. Muitos dos educandos no que se refere ao seu gênero tem seu desenvolvimento cognitivo e físico em igualdade (Educadora 6). Será que realmente não existe nenhuma diferença durante a prática esportiva? Realmente não existe diferença na

potencialidade física ou cognitiva das educandas, sejam meninas ou meninos entretanto conforme nos afirma Guacira Lopes Louro:

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas; é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças. Atentas/os aos pequenos indícios, veremos que até mesmo o tempo e o espaço da escola não são distribuídos nem usados — portanto, não são concebidos — do mesmo modo por todas as pessoas. (LOURO, 2010a, p. 59).

Entendemos que as relações de poder estão em todos os espaços e todas as relações e que por isso “através de muitas instituições e práticas, essas concepções foram e são aprendidas e interiorizadas; tornando-se quase ‘naturais’ (ainda que sejam ‘fatos culturais’)” (LOURO, 2010a, p. 60). A autora alerta, justamente, para se identificar como os espaços educativos contribuem e desenvolve um processo de “fabricação” dos corpos de homens e mulheres, de meninos e meninas, de forma contínua e imperceptível, pondo como padrão o que é tomado pela sociedade como “natural”.

Percebo que muitas coisas já foram desconstruídas e construídas com eles em diálogos, atividades e propostas que levamos. Fazendo com que compreendessem melhor quem são, o que desejam ser e também respeitando as diferenças e escolhas dos colegas, seja na cor preferida por exemplo, na expressão de gênero, ou até algo relacionado a suas orientações e preferências (Educadora 1)

Pensarmos práticas pedagógicas que desmistifiquem essas práticas e discursos é a obrigação dos espaços educativos conforme afirma a educadora 1 na resposta acima.

Penso que a prática de determinados esportes ainda sendo, culturalmente, associadas ao gênero masculino ou feminino dificulta uma motivação igualitária entre ambos. Cabe a nós, educadores, incentivar a ruptura deste paradigma. Educadora 2

Segundo Auad (2006, p. 78), meninos e meninas em espaços educacionais “[...] reagem, seja ao recusar ou ao assumir, às aprendizagens sobre o feminino e o masculino, propostas implícita e explicitamente nos processos educacionais”. Por isso é fundamental oportunizarmos os diálogos sobre as diferenças e possibilidades das questões pertinentes a diversidade de maneira geral.

Diante das reflexões deste estudo entendo como fundamental tratar mesmo que brevemente uma reflexão sobre o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI, citado neste estudo como os 4 pilares da educação de Jacques Delors .

No relatório editado sob a forma do livro: “Educação: Um Tesouro a Descobrir” em 1993, evidencia-se a discussão sobre os “quatro pilares”, onde se propõe uma educação direcionada para os quatro tipos fundamentais de educação: **aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a ser**, eleitos como os quatro pilares fundamentais da educação.

Sabemos que um dos maiores desafios para a educação é a consolidação, de forma maciça e eficaz, da informação e da comunicação adaptadas à civilização que vem se transformando com uma velocidade desenfreada. Ao mesmo tempo, compete ao ensino encontrar e ressaltar as referências que impeçam as pessoas de ficarem ilhadas pelo número de informações, que invadem os espaços públicos e privados. Assim como, orientar as educandas para projetos de desenvolvimento individuais e coletivos.

Em análise ao relatório pensando uma educação para a diversidade de gênero, podemos evidenciar que especificamente na perspectiva que aqui nos ancoramos, garante em partes, pois ele trata de uma maneira pontual sobre as igualdades entre homens e mulheres, baseado em uma perspectiva de acesso à educação conforme Delors (1993 p.79)

Trata-se, pois, de quebrar este círculo vicioso que liga a pobreza à desigualdade entre homens e mulheres. A educação das jovens e das mulheres surge, então, tendo em vista o que uma minoria delas já conseguiu, como condição de uma participação ativa da população nas iniciativas em matéria de desenvolvimento. Disparidade entre sexos Nas economias de subsistência, as mulheres efetuam a maior parte dos trabalhos e, em relação aos homens, trabalham durante mais tempo por dia e contribuem mais para o rendimento familiar. Esta disparidade de condições entre sexos é uma das primeiras causas da pobreza, pois, sob diversas formas, impede que centenas de milhões de mulheres tenham acesso à educação, formação, serviços de saúde, às creches e a um estatuto jurídico que lhes permita escapar a este flagelo. Nos países em desenvolvimento, contra oito a doze horas para os homens, as mulheres trabalham em média doze a dezoito horas por dia — encarregando-se da produção de alimentos, da gestão dos recursos e das colheitas, assim como de diversas outras atividades remuneradas ou não. Segundo as estimativas, as mulheres são a única fonte de rendimento para um quarto a um terço das economias domésticas do mundo. E a sua contribuição representa mais de 50% dos recursos em, pelo menos, um quarto das restantes economias. As famílias cuja chefia cabe a uma mulher vivem muitas vezes abaixo do limiar da pobreza.

Pelo fato do relatório ter um cunho produtivo que evidencia uma educação que busque produtividade e desenvolvimento integral das pessoas em prol do desenvolvimento econômico, em suas entrelinhas era evidente que esse o enfoque para a igualdade de gênero tomaria um tom específico.

Sabemos que uma das questões de segregação da mulher sempre esteve ligada as questões de acesso à educação e desigualdade no trabalho, entretanto sabemos que uma educação para a diversidade de gênero, não pode ser resumida ao acesso ao ensino e ao mercado de trabalho e qualificação profissional. E sim! Precisa de um empoderamento da mulher para o fim de uma segregação, desvalorização e desigualdade. Entretanto o enfoque do relatório está direcionado ao respeito e igualdade de acesso conforme Delors (1998 p.47) nos explica:

A compreensão deste mundo passa, evidentemente, pela compreensão das relações que ligam o ser humano ao seu meio ambiente. Não se trata de acrescentar uma nova disciplina a programas escolares já sobrecarregados, mas de reorganizar os ensinamentos de acordo com uma visão de conjunto dos laços que unem homens e mulheres ao meio ambiente, recorrendo as ciências da natureza e as ciências sociais. Esta formação poderia, igualmente, ser posta ao dispor de todos os cidadãos, na perspectiva de uma educação que estenda ao longo de toda a vida.

O relatório ainda aborda brevemente:

Sejamos, pois, sem perda de tempo, os pioneiros e propagadores de uma filosofia holística da educação para o século XXI, fundada nas seguintes premissas: a) O planeta Terra que habitamos e de que todos somos cidadãos é uma entidade única, fervilhante de vida; a espécie humana é, em última análise, uma grande família em que todos os membros são solidários — Vasudhaiva Kuktumbakam dizem os Veda; as diferenças de raça e de religião, de nacionalidade e de ideologia, de sexo e de preferências sexuais, de estatuto econômico e social — embora em si importantes — devem ser repostas no contexto mais geral desta unidade fundamental. (Delors 1993 p.245).

Pensando uma educação para o século XXI é fundamental pensarmos em educação para a diversidade de gênero. Quando retomamos a leitura deste documento norteador da prática do IGK, fica evidente a contradição entre o que nos baseia teoricamente (o relatório) com a prática pedagógica desenvolvida no cotidiano do IGK, pois não condiz na sua essência a esse discurso de formar para a produtividade, preparar para um desempenho exitoso no mercado de trabalho, ou ainda de uma lógica capitalista que prepara para o desempenho produtivo, que não respeita o ser, o diferente e o fora da norma.

A prática pedagógica das educadoras do IGK é humanizada e integral, valorizando as educandas em suas especificidades, respeitando a diversidade, além do desempenho ou produtividade de cada uma.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de escrever sobre minha prática pedagógica proporcionou-me reflexões e descobertas muito importantes. Após cinco anos no mesmo espaço educacional, mergulhada em um trabalho que acredito, debruçar-me nesse olhar cuidadoso sobre essa temática que me representa, foi fundamental para entender a relação da minha trajetória de segregação e luta, durante minha caminhada para compreender meu lugar neste mundo e transformar minhas marcas em coragem e certeza da necessidade do posicionamento político a favor das mulheres.

Durante toda a realização do GDE, cada disciplina, cada discussão contribuiu para desconfiar, repensar, estudar, sobre os norteadores da prática pedagógica do Instituto, fazendo com que eu sentisse a necessidade de retomar a leitura do relatório da UNESCO, agora com esse olhar cuidado e político.

Esse novo olhar para o documento fez-me perceber que a efetiva prática do IGK, pouco condiz com o que realmente propõe o documento, pois diferente do olhar de interesse em preparar as educandas para o trabalho (produtividade), as educadoras do IGK e a metodologia embora baseada do relatório da UNESCO, tem uma preocupação em contribuir para o desenvolvimento integral das educandas, potencializando o respeito, o cuidado, a boa convivência, o diálogo, atenção as demandas individuais, autoestima, autovalorização valorizando o que cada um pode compartilhar de melhor. E que embora embasada nos 4 pilares da educação do relatório da UNESCO, nosso trabalho vai muito além dos pilares e competências.

Por isso início minhas considerações evidenciando a contribuição deste estudo para uma problematização sobre a metodologia do IGK, que pretendo dentro das possibilidades incluir nas capacitações e reuniões de estudo. Pois após o estudo realizado podemos confirmar a necessidade de reflexão sobre a metodologia desenvolvida pelas educadoras, a metodologia da valorização das pessoas e suas diversidades, com respeito e cuidado.

Outra consideração antes de analisarmos os objetivos desse estudo, é perceber a necessidade de incluirmos nas competências dos pilares aprender a ser, competências que garantam o desenvolvimento da diversidade de gênero, a valorização da mulher e das minorias como negros, GLBTTT e outras.

Pensando os objetivos a serem alcançados com este estudo podemos afirmar que no que diz respeito a proposta do IGK garantir uma educação para a diversidade de gênero, podemos afirmar que garante em partes, pois embora trate em sua metodologia a garantia de

trabalhar a diversidade essa temática, é compreendida pelas educadoras (que são de várias áreas do conhecimento) de forma diferente, pois não possui nenhum norteador. Entretanto as educadoras evidenciaram a necessidade por formação continuada e entendem que deve ser um movimento das educadoras, não somente da instituição, pois é uma temática inerente ao ser humano que vive em sociedade, que deve ser aprofundada por todas.

Esse resultado é contraditório a hipótese que afirmava que a metodologia do IGK, garante em seus escritos a discussão sobre a diversidade de gênero, pois ela aborda o respeito a diversidade, fazendo-se compreendida por cada educadora de uma forma diversa. Entretanto como a metodologia aborda temáticas que podem surgir da demanda das educandas ou de temáticas que as educandas ou educadoras considerem relevantes, a temática da diversidade de gênero é abordada frequentemente pelas educadoras do IGK.

Assim como a metodologia os quatro pilares da educação especialmente no pilar “aprender a ser e aprender a conviver” aborda o respeito a diversidade e outros aspectos que podem ser aproveitados para desenvolver estratégias pedagógicas que garantam uma educação para a diversidade de gênero, mas vai depender da formação e entendimento da educadora que está a frente da atividade. Evidenciado a hipótese que cada educadora dependendo da sua área do conhecimento ou da sua concepção política sobre a temática, vai evidenciar a importância da temática.

E por fim podemos entender que embora o olhar humanizado e cuidadoso com as educandas por parte das educadoras seja prática, o discurso historicamente construído sobre os papéis de gênero se evidenciam durante as atividades através das respostas das educadoras entrevistadas. Afirmando a hipótese de estudo que esperava que as educadoras do IGK tivessem dificuldades para identificar e entender diferenças produzidas culturalmente referente a participação dos meninos e das meninas na realização das atividades esportivas, considerando a motivação, desempenho, dedicação e competência.

## REFERÊNCIA

AUAD, D. Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, 2006.

BOENTE, Alfredo; BRAGA, Gláucia. Metodologia científica contemporânea. Rio de Janeiro: Brasport, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. 2ed. São Paulo: Cortez. 2003

DEVIDE, Fabiano Pries. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: A vontade de saber. Grall.2005.

JAEGER, Angelita Alice. Gênero, Mulheres e Esporte. Revista Movimento. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, janeiro/abril de 2006.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz “Aqui não tem os gays nem lésbicas”: estratégias discursivas de agentes públicos ante medidas de promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas escolas. Revista Bagoas. n. 04 | 2009 | p. 171-189.

FRANCO, Neil. Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades na escola. *Rev. Estud. Fem.*[online]. 2016, vol.24, n.2, pp.665-668.

GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regine. **As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na revista Educação Física. Ijuí: Unijuí, 2003, 152 p. (Coleção educação física).

GOHN, Maria da Glória. Educação Não-formal, na pedagogia social. Em *Proceedings of the 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social* 2006, São Paulo (SP) [online]. 2006 [cited 02 de novembro de 2016]. Disponível em:  
<[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=iso](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=iso)>.

GONÇALVES, E. Pesansa o gênero como categoria de análise. IN: Amaral, A et. Al. (Orgs) *Estudos de gênero: Universidade Católica de Goiás*. P.41-60.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: Vozes. 1994

Manual do Profissional e Estagiário do Instituto Guga Kuerten. 2014

MATTAR, Fauze N. *Pesquisa de Marketing: Metodologia, Planejamento, Execução e Análise*. São Paulo: Atlas, 1995. NEVES, M.; BRANCO, J. *A Previsão de tendências para a indústria têxtil e do vestuário*. Aveiro Área: Grafigamelas, 2000.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99, p. 71. Disponível em [https://ia601403.us.archive.org/9/items/scott\\_gender/scott\\_gender.pdf](https://ia601403.us.archive.org/9/items/scott_gender/scott_gender.pdf). Acesso em 04/08/2016.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria de análise histórica*. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul/dez., 1990.

SOUZA, Carolina Maciel. *Relações de gênero e educação física: “visão de jogo” e beleza*. 2009. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

WOLFF, Cristina Scheibe; SILVA, Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria. *Gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social*. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

ZANELLA, L. C. H. *Metodologia de pesquisa*. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2007

## ANEXO A: QUESTIONÁRIO APLICADO AS EDUCADORAS

PERGUNTAS

RESPOSTAS

Seção 1 de 3



### Pesquisa: Em que medida a proposta de educação para a diversidade de gênero é incorporada na prática do IGK .

Caro educandorx,

Você está sendo convidadx a participar de uma pesquisa que tem como objetivo verificar em que medida a proposta de educação para a diversidade de gênero é incorporada na prática do Instituto Guga Kuerten a partir dos quatro pilares da educação do relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Trata-se de um questionário de rápido e fácil preenchimento, e seus dados serão tratados com total sigilo. Contamos com a sua colaboração. Obrigada!

Seção 2 de 3



## DADOS SÓCIO ECONÔMICOS

Descrição (opcional)

Qual sua expressão de \*

Gênero ?

- Mulher
- Homem
- Transgênero
- Outro...

Qual sua idade ? \*

- 18 à 22 anos
- 23 à 27 anos
- 28 à 32 anos
- Mais de 33 anos

Qual seu tempo de atuação no IGK ? \*

- Menos de 1 ano
- Entre 1 e 2 anos
- Entre 2 e 3 anos
- Mais de 3 anos

Qual sua área de atuação ( ou em formação) \*

- Pedagogia
- Educação Física
- Serviço Social
- Jornalismo
- Biblioteconomia
- Psicologia

Seção 3 de 3



## PERCEPÇÕES SOBRE GÊNERO NO IGK

Descrição (opcional)

Qual seu Núcleo de atuação \*

- Núcleo Biguaçu
- Núcleo Canasvieiras
- Núcleo Itacorubi
- Núcleo Palhoça
- Núcleo São José
- Núcleo Saco Grande



## IDENTIDADE DE GÊNERO



Identidade de gênero é a forma como você, na sua cabeça, pensa sobre você mesmo. É a química que compõe você (ex. níveis hormonais) e como você interpreta isto.



## EXPRESSÃO DE GÊNERO



Expressão de gênero é maneira como você demonstra seu gênero (baseado em papéis tradicionais) através da sua forma de agir, vestir, se comportar e interagir.



## SEXO BIOLÓGICO



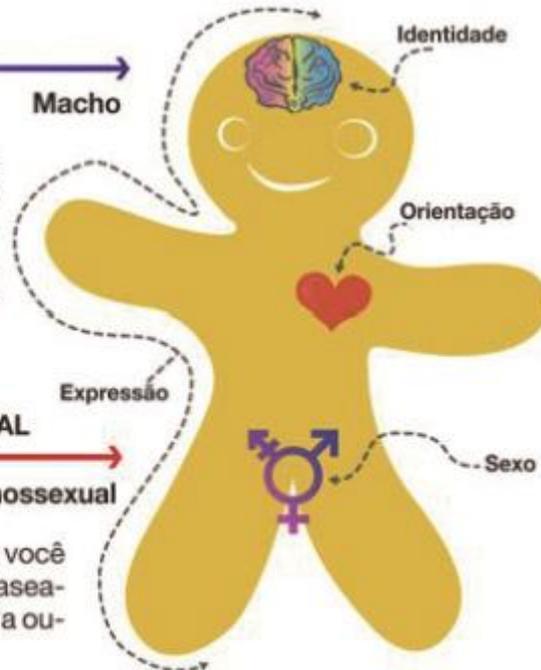
O Sexo biológico refere a característica mensuráveis do indivíduo como órgão, hormônios e cromossomos. Fêmea = vagina, ovários, cromossomos XX. Macho = pênis, testículos, cromossomo XY. Hermafrodita = uma combinação dos dois anteriores.



## ORIENTAÇÃO AFETIVA-SEXUAL



Orientação afetivo-sexual refere-se a quem você é fisicamente e emocionalmente atraído, baseado na relação entre o seu sexo/gênero e o da outra pessoa.





Baseado na nota da questão acima, explique por quê? \*

Texto de resposta longa

---

Durante as oficinas esportivas, você percebe diferença entre os meninos e meninas na realização das atividades, considerando a motivação, desempenho, dedicação e competência ? Quais as diferenças? \*

Texto de resposta longa

---

## ANEXO B

### TERMO DE CONSENTIMENTO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do Pesquisa:** DIVERSIDADE DE GÊNERO: UMA ANÁLISE SOBRE UMA PRÁTICA EMBASADA PELOS QUATRO PILARES DA EDUCAÇÃO NO INSTITUTO GUGA KUERTEN.

Você está sendo convidado a participar de um estudo que tem como objetivo verificar em que medida a proposta de educação para a diversidade de gênero é incorporada na prática do IGK a partir dos quatro pilares da educação.

O estudo não oferecerá riscos, pois todas as medidas são verificadas de formas não invasivas, através de questionários. Os dados e informações coletas serão tratados com total sigilo e respeito. A identidade de todos os participantes será preservada, pois cada indivíduo será identificado por um número. O que nos importa é a informação e não quem forneceu as informações.

Salientamos que você poderá se retirar do estudo a qualquer momento.

**Solicitamos a vossa autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não-identificação do seu nome.**

Agradecemos a vossa participação e colaboração.

PESSOA PARA CONTATO  
Esp. Françoise Danielli

Fone: (48) 3321 4637 (48) 84533249  
ENDEREÇO: Av. Madre Benvenuta, 1168, Santa Mônica, Florianópolis/SC

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto e, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos. Eu compreendo que neste estudo, as medições dos experimentos/procedimentos de tratamento serão feitas em mim sem nenhum risco a minha integridade física e psicológica.

Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso \_\_\_\_\_.

Assinatura \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.